

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Especialização em Teoria Psicanalítica

**O SENTIMENTO DE CULPA NA
MELANCOLIA EM FREUD**

BRUNA QUEIROZ RIBEIRO PENHA

BELO HORIZONTE
2011

BRUNA QUEIROZ RIBEIRO PENHA

O SENTIMENTO DE CULPA NA MELANCOLIA EM FREUD

Trabalho apresentado ao curso de Especialização em Teoria Psicanalítica da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito para obtenção do título de Especialista em Teoria Psicanalítica.

Orientadora: Maria Teresa Melo Carvalho

Belo Horizonte
2011

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora Maria Teresa que tornou possível a realização deste trabalho. Aos meus pais que sempre incentivaram a minha formação e a todos que de alguma forma colaboraram com esta construção.

“O principal é que de nada adiantou mudar, virar, ao final sou sempre o primeiro culpado, e o mais vergonhoso é que sou culpado sem sê-lo, segundo as leis da natureza, por assim dizer.”

Dostoievski

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
CAPÍTULO I	7
CAPÍTULO II	15
CONSIDERAÇÕES FINAIS	18
REFERÊNCIAS	19

INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca analisar e compreender a forma de manifestação do sentimento de culpa na melancolia a partir da teoria freudiana. Para tal, inicia-se o trabalho pesquisando a melancolia, o que possibilita prosseguir em busca dos elementos teóricos mais importantes para se entender a relação com a culpa. O objetivo de tal pesquisa é obter uma melhor compreensão do tema e buscar possíveis intervenções clínicas no tratamento de melancólicos.

O estudo teve como principal referencial bibliográfico o texto “Luto e Melancolia” (1915[1917]); porém também foi utilizado e de extrema colaboração à pesquisa o estudo do item V do texto “O ego e o Id” (1923), no qual Freud volta a tratar o tema abordado. O primeiro capítulo foi dedicado a pesquisa de tais textos, e se ateu aos mesmos por serem considerados as referências freudianas mais importantes para trabalhar a ligação da melancolia com a culpa, além de abordarem o assunto de forma mais intensa e sistematizada.

Já no segundo capítulo, com o objetivo de enriquecimento do trabalho e melhor entendimento da severidade do superego, foi acrescentada à pesquisa a obra *A crueldade melancólica* (2002) de Jacques Hassoun, que leva em consideração tais idéias de Freud e faz comentários que contribuem para o estudo.

CAPÍTULO I

Freud inicia seus escritos no texto “Luto e Melancolia” (1915[1917]) fazendo uma comparação entre a natureza da melancolia e o afeto normal do luto. Ele destaca que a melancolia assume várias formas clínicas e que o agrupamento numa única unidade não foi estabelecido, sendo que sua definição varia, inclusive no campo psiquiátrico. Existe para esta teoria uma correlação entre o luto e a melancolia, considerando que as causas ambientais são as mesmas para ambas as condições.

O luto se trata da reação à perda de um ente querido ou à perda de alguma abstração que ocupou o lugar de um ente querido, podendo ser o país, o ideal de alguém ou a liberdade. Para algumas pessoas as mesmas influências produzem melancolia ao invés do luto. Ainda segundo o autor, essas pessoas possuem uma disposição patológica para tal efeito.

Dentre os traços mentais distintivos da melancolia, Freud caracteriza um desânimo profundamente penoso, a cessação de interesse pelo mundo externo, a perda da capacidade de amar, a inibição de toda e qualquer atividade e uma diminuição dos sentimentos de auto-estima, que levam a auto-recriminação, chegando ao ponto de culminar numa expectativa delirante de punição. É justamente a auto-recriminação que gera o sentimento de culpa e esta punição que invadem o sujeito que será abordada neste trabalho.

No estado normal de luto, o objeto amado não existe mais, com isso, toda libido é retirada de suas ligações com aquele objeto, em respeito à realidade, provocando o desligamento da libido. Na conclusão do trabalho do luto o ego volta a ficar livre e desinibido (FREUD, 1996).

No caso da melancolia, o objeto pode não ter morrido, mas foi perdido enquanto objeto de amor: “Isso, realmente, talvez ocorra dessa forma, mesmo que o paciente esteja cômico da perda que deu origem à sua melancolia, mas apenas no sentido de que sabe *quem* ele perdeu, mas não o *que* perdeu nesse alguém” (FREUD, 1996, pg. 251). Entende-se portanto que a melancolia está ligada a uma perda objetual retirada da consciência, ao contrário do luto, no qual não existe nada de inconsciente a respeito da perda, que é real.

A perda desconhecida na melancolia será responsável pela inibição melancólica e esta inibição se apresenta como enigmática, pois não é possível ver o que está absorvendo tão completamente. Além disto, o melancólico apresenta uma diminuição extraordinária de sua auto-estima e um grande empobrecimento do seu ego. Não é o mundo que se torna pobre e vazio, como no estado normal de luto, é o próprio ego do melancólico. Este ego se apresenta como desprovido de valor, incapaz de qualquer realização e desprezível moralmente. Com isso, ele se repreende e espera ser expulso e punido, degradando-se perante todos (FREUD, 1996).

De acordo com os conceitos freudianos, esse quadro de delírio de inferioridade tão grande é manifesto por sintomas como a insônia, a recusa a se alimentar e por uma superação do instinto que faz com que todo ser vivo se apegue a vida. Além disso, de nada serviria contradizer as acusações que ele faz contra seu ego, pois de alguma forma ele descreve aquilo como lhe parece ser.

Devemos, portanto, confirmar de imediato, e sem reservas, algumas de suas declarações. Ele se encontra, de fato, tão desinteressado e tão incapaz de amor e de realização quanto afirma. Mas isso, como sabemos, é secundário; trata-se do efeito do trabalho interno que lhe consome o ego - trabalho que, nos sendo desconhecido, é, porém, comparável ao do luto. O paciente também nos parece justificado em fazer outras auto-acusações; apenas, ele dispõe de uma visão mais penetrante da verdade do que outras pessoas que não são melancólicas. Quando, em sua exacerbada auto-acusação, ele se descreve como mesquinho, egoísta, desonesto, carente de independência, alguém cujo único objetivo tem sido ocultar as fraquezas de sua própria natureza, pode ser, até onde sabemos, que tenha chegado bem perto de se compreender a si mesmo; ficamos imaginando, tão-somente porque um homem precisa adoecer para ter acesso a uma verdade dessa espécie. (FREUD, 1996, p.252, vol. 14).

Ainda neste pensamento não existe uma correspondência entre o grau de auto-degradação melancólica e sua real justificação, pois ele não se comporta da mesma maneira que uma pessoa que sofre de modo normal pelo remorso e pela auto-recriminação. Ele não sente vergonha diante de outras pessoas; ele encontra satisfação em desmascarar-se. A perda do melancólico não é relativa ao objeto, e sim uma perda relativa ao seu ego. Uma parte do ego se coloca contra a outra, julgando-a criticamente e toma-a como seu objeto. Neste momento, é considerada a hipótese de que o agente crítico, que aqui se separa do ego, talvez também revele sua independência em outras

circunstâncias. A insatisfação com o ego seria a característica mais marcante da melancolia. A preocupação melancólica não é com a enfermidade do corpo, a feiura, fraqueza ou inferioridade social, mas sim com tais afirmações e o temor de que estas venham a acontecer (FREUD, 1996).

Freud afirma que as inúmeras auto-acusações do paciente melancólico dificilmente se aplicam a si próprio, porém se ajustam a outras pessoas as quais o paciente ama, amou ou deveria amar. A partir disto encontra-se a chave do quadro clínico melancólico, pois as auto-recriminações são recriminações feitas a um objeto amado e houve um deslocamento desse objeto para o ego do próprio paciente. Inclusive, é possível que dentre essas auto-recriminações feitas pelo paciente existam algumas autênticas difundidas entre as outras, pois estas ajudam a mascarar as outras e tornar o reconhecimento do verdadeiro estado das coisas impossível.

Além disso, elas derivam dos prós e dos contras do conflito amoroso que levou à perda do amor. Também o comportamento dos pacientes, agora, se torna bem mais inteligível. Suas queixas são realmente 'queixumes', no sentido antigo da palavra. Eles não se envergonham nem se ocultam, já que tudo de desairoso que dizem sobre eles próprios refere-se, no fundo, à outra pessoa. Além disso, estão longe de demonstrar perante aqueles que o cercam uma atitude de humildade e submissão, única que caberia a pessoas tão desprezíveis. Pelo contrário, tornam-se as pessoas mais maçantes, dando sempre a impressão de que se sentem desconsideradas e de que foram tratadas com grande injustiça. Tudo isso só é possível porque as reações expressas em seu comportamento ainda procedem de uma constelação mental de revolta, que, por um certo processo, passou então para o estado esmagado de melancolia. (FREUD, 1996, pg. 254, vol. 14).

Freud faz então uma reconstrução objetiva desse processo melancólico que se dá partir da escolha objetal, de uma ligação da libido a uma pessoa particular. Devido a um desapontamento proveniente dessa pessoa amada, a relação objetal é destruída. Então, a libido é retirada desse objeto e deslocada para um novo, porém a catexia objetal provou ter pouco poder de resistência e foi liquidada. Essa libido, que então fica livre, não se deslocou para um outro objeto, mas sim foi retirada para o ego, onde não foi empregada de maneira não especificada, *mas serviu para estabelecer uma identificação do ego com o objeto abandonado*. A sombra do objeto cai sobre o ego, que passa a ser julgado como um objeto abandonado. Essa perda objetal se transforma numa perda do

ego. Além de uma forte fixação no objeto amado ter estado presente, em contradição a isso, a catexia objetal teve pouco poder de resistência, o que leva a pensar que essa escolha objetal é efetuada numa base narcisista, que vem a predominar.

A partir dessa predominância do tipo narcisista na escolha objetal, Freud inclui como característica da melancolia essa regressão da catexia objetal para a fase oral ainda narcisista da libido. Porém, admite que o material empírico em que se fundamentou este estudo é insuficiente para as suas necessidades.

A melancolia, que é considerada por Freud como uma doença, se manifesta em ocasiões que vão além da perda pela morte, como em situações de desprezo, desapontamento ou desconsideração, nas quais podem estar presentes sentimentos de amor e ódio, que reforçam uma ambivalência já existente, e que também pode ser considerada uma precondição da melancolia.

Se o amor pelo objeto – um amor que não pode ser renunciado, embora o próprio objeto o seja – se refugiar na identificação narcisista, então o ódio entra em ação nesse objeto substitutivo, dele abusando, degradando-o, fazendo-o sofrer e tirando satisfação sádica de seu sofrimento. A autotortura na melancolia, sem dúvida agradável, significa, do mesmo modo que o fenômeno correspondente na neurose obsessiva, uma satisfação das tendências do sadismo e do ódio relacionadas a um objeto, que retornaram ao próprio eu do indivíduo nas formas que vimos examinando. Via de regra, em ambas as desordens, os pacientes ainda conseguem, pelo caminho indireto da autopunição, vingar-se do objeto original e torturar o ente amado através de sua doença, à qual recorrem a fim de evitar a necessidade de expressar abertamente sua hostilidade para com ele (FREUD, 1996, pg. 256-257, vol. 14).

Freud considera que a pessoa que *ocasionou a desordem emocional do paciente, e na qual a doença se centraliza*, encontra-se geralmente em seu ambiente imediato. A catexia erótica do melancólico então sofreu uma dupla vicissitude, pois parte dela retrocedeu à identificação, mas a outra parte que sofre influência do conflito da ambivalência foi levada de volta à etapa de sadismo que se acha mais próxima do conflito. E é esse sadismo que está relacionado à tendência ao suicídio nos casos de melancolia, pois o amor do ego de si mesmo é tão grande que é reconhecido como o estado *primevo* da vida instintual, e tanta é a quantidade de libido narcisista que se vê no

medo surgido a uma ameaça a vida, que não é possível conceber como esse ego consente em sua própria destruição. Devido à análise da melancolia, Freud conclui que o ego só pode se matar se puder tratar a si mesmo como um objeto, e dirigir contra si mesmo toda hostilidade relacionada a um objeto, o que ocorre devido ao retorno da catexia objetal, e representa a reação original do ego para com objetos do mundo externo.

Contudo, nas situações opostas de suicídio e de paixão intensa, ou seja, tanto na dimensão hostil como na dimensão amorosa, existe uma característica comum: o ego é dominado pelo objeto, mesmo que sejam de maneiras diferentes, e devido a essa ambivalência inúmeras lutas isoladas são travadas em torno do objeto, sendo que um procura separar a libido do objeto, e o outro, defender essa posição da libido contra o assédio. Essas lutas são atribuídas ao sistema Inconsciente.

A ambivalência constitucional pertence por natureza ao reprimido; as experiências traumáticas em relação ao objeto podem ter ativado outro material reprimido. Assim, tudo que tem que ver com essas lutas devidas à ambivalência permanece retirado da consciência até que o resultado característico da melancolia se fixe. (FREUD, 1996, p.262, vol. 14).

Freud conclui seu trabalho no texto “Luto e Melancolia” (1915[1917]) promovendo possibilidades de levar a melancolia a um fim no Inconsciente, seja após a fúria ter se dissipado, ou após o objeto ter sido abandonado como destituído de valor; porém relata não saber qual seria a forma mais regular ou usual desse processo. Ele também aponta como três as condições da melancolia: a perda do objeto, a ambivalência e a regressão da libido ao ego, sendo que as duas primeiras condições também se encontram na auto-recriminações obsessivas que surgem com a ocorrência de uma morte, o que faz com que a ambivalência constitua a força motora do conflito e a regressão da libido ao narcisismo seja considerada a responsável pelo diferencial do quadro melancólico.

Os escritos do texto são finalizados por Freud ao interromper sua pesquisa sobre a melancolia a partir da seguinte passagem: “Conforme já sabemos, a interdependência dos complicados problemas da mente nos força a interromper qualquer indagação antes

que esteja concluída – até que o resultado de uma outra indagação possa vir em sua ajuda.” (FREUD, 1996, pg. 263, vol. 14).

Prosseguindo nos escritos de Freud, em seu texto “O ego e o Id” (1923), ele retoma o *sentimento de culpa*, tornando tal termo mais usual, e o retoma a partir do fator moral no qual o sujeito encontra sua satisfação na doença e se recusa a abandonar a punição do sofrimento, de forma que inconscientemente ele age de forma contrária a progressão na evolução do tratamento analítico. Esse sentimento de culpa é silenciado enquanto o sujeito está envolvido no mesmo, e com isso, não faz com que ele se sinta culpado, mas sim doente. A forma de manifestação de tal sentimento se apresenta como esta resistência à cura que é extremamente difícil de ser superada. “É também particularmente difícil convencer o paciente de que esse motivo encontra-se por trás do fato de ele continuar enfermo; ele se apega a explicação mais óbvia de que o tratamento pela análise não constitui o remédio certo para o seu caso”. (FREUD, 1996, pg. 62 – 63, vol. 19).

Em notas de rodapé, Freud coloca a luta com o obstáculo do sentimento (que é inconsciente) de culpa como difícil também para o analista, pois nada pode ser feito diretamente ou indiretamente contra o mesmo a não ser o lento processo de descobrir suas raízes reprimidas com o objetivo de transformá-lo num sentimento consciente de culpa. E então demonstra a semelhança de tal processo com o que ocorre na melancolia:

Tem-se uma oportunidade especial para influenciá-lo quando esse sentimento de culpa é Ics é ‘emprestado’ - quando é produto de uma identificação com alguma outra pessoa que foi outrora objeto de uma catexia erótica. Um sentimento de culpa que foi dessa maneira adotado frequentemente constitui o único traço remanescente da relação amorosa abandonada e de modo algum é fácil reconhecer como tal. (A semelhança entre esse processo e o que acontece na melancolia é inequívoca) (FREUD, 1996, pg. 63, vol. 19).

Freud toma como sentimento de culpa normal aquele que é consciente, que consiste na tensão existente entre o ego e o ideal do ego e expressa uma condenação do ego pela sua instância crítica (o superego). Ele cita como enfermidades os estados do sujeito em que o sentimento de culpa se manifesta, e aponta a severidade com a qual o

ideal do ego se manifesta, dirigindo sua ira contra o ego de maneira cruel. Esta condição ocorre na neurose obsessiva e na melancolia.

Existem diferenças na forma em que este sentimento de culpa se manifesta, e neste caso, particularmente nos interessa saber a forma de manifestação do mesmo na melancolia. Mas para isso, é importante que entendamos brevemente como Freud o caracteriza na neurose obsessiva:

Em certas formas de neurose obsessiva, o sentimento de culpa é superruidoso, mas não pode se justificar para o ego. Consequentemente, o ego do paciente se rebela contra a imputação de culpa e busca o apoio do médico para repudiá-la. Seria tolice aquiescer nisso, pois fazê-lo não teria efeito. A análise acaba por demonstrar que o superego está sendo influenciado por processos que permaneceram desconhecidos ao ego. É possível descobrir os impulsos reprimidos que realmente se acham no fundo do sentimento de culpa. Assim, nesse caso, o superego sabia mais do que o ego sobre o id inconsciente” (FREUD, 1996, pg. 64, vol. 19).

Já na melancolia, tem-se a impressão de que o superego obteve um ponto de apoio na consciência ainda mais forte. Neste caso, o ego admite sua culpa e se submete ao castigo, sem fazer qualquer objeção. A ira à qual o objeto do superego se aplica é incluída no ego mediante uma identificação, diferentemente da neurose obsessiva, na qual os impulsos censuráveis que permaneciam fora do ego é que estão em questão. O superego, que é excessivamente forte na melancolia, consegue um ponto de apoio na consciência e dirige sua ira contra o ego com uma violência que Freud chama de impiedosa, como se tivesse se apossado do todo o sadismo possível na pessoa em questão. Esse componente destrutivo se deposita no superego e se volta contra o ego, influenciando uma cultura pura do instinto de morte, obtendo êxito em impulsionar o ego à morte; salvo pela mudança que pode ocorrer deste estado para o da mania, porém não cabe a tal pesquisa abordar tal tema. A melancolia acaba por se tornar um lugar de “reunião para os instintos de morte”.

O superego, cruel como só o id pode ser, acaba por dirigir contra o ego toda aquela agressividade que é controlada e suprimida de forma a não se dirigir ao mundo exterior. Ou seja, quanto mais o homem controla sua agressividade, mais intensa irá se tornar sua inclinação de ideal contra seu próprio ego, como um processo de

deslocamento. Este ser se torna então altamente punitivo e cruelmente proibidor para consigo mesmo, merecedor de todo e qualquer castigo.

A defusão de amor em agressividade não foi efetuada por ação do ego, mas é o resultado de uma regressão que ocorreu no id. Esse processo, porém, estendeu-se além do id, até o superego, que agora aumenta a sua severidade para com o inocente ego. Pareceria, contudo, que nesse caso, não menos que no da melancolia, o ego, tendo ganho controle sobre a libido por meio da identificação, é punido pelo superego por assim proceder, mediante a instrumentalidade da agressividade que estava mesclada com a libido (FREUD, 1996, pg. 67, vol. 19).

Do ponto de vista clínico torna-se difícil tratar da melancolia devido ao “boicote” no processo da psicanálise que busca capacitar o ego a conseguir uma conquista progressiva do id. Este superego cruel não permite a mediação que deveria proporcionar entre o ego e o id tornando o id mais dócil ao mundo; pelo contrário, o torna mais severo e mais punitivo (FREUD, 1996).

E concluindo este trabalho, Freud analisa o medo da morte dizendo que “todo medo é, em última análise, o medo da morte”. Mas distingue esse medo fazendo uma analogia entre o mesmo, o temor de um objeto e a ansiedade libidinal neurótica. Considera que esta relação se apresenta como um problema difícil para a psicanálise partindo do ponto em que a morte é um conceito abstrato, e de conteúdo extremamente negativo para o qual nenhum ‘correlativo inconsciente’ pode ser encontrado. Mas considera que no medo da morte o ego abandona em grande parte sua catexia libidinal narcísica, ou seja, se abandona assim como abandona algum objeto externo.

Na melancolia, este abandono acontece porque o ego se sente odiado e perseguido pelo superego. O ego considera viver o mesmo que ser amado, no caso pelo superego, que aqui aparece como representante do id. À medida que este ego faz tal assimilação e se sente abandonado ao invés de amado, se encontra num perigo real excessivo, e se acredita incapaz de superar por suas próprias forças, se vê desertado e *se deixa morrer* (FREUD, 1996).

CAPÍTULO II

Para ampliarmos a visão do presente trabalho, foi utilizado como referencial teórico a obra de Jacques Hassoun, *A crueldade melancólica* (2002), que aborda o tema pesquisado, levando em consideração a contribuição freudiana. Ele entende que a teorização da melancolia representa uma virada na obra de Freud, que consegue um lugar de destaque para a mesma no movimento psicanalítico.

A melancolia é apresentada como uma etiologia constitutiva do ser, considerada pelos filósofos desde a Antiguidade. “A afecção pela bílis negra” (pois tal era a etiologia da perturbação melancólica) evoca aquele luto primeiro, que, por minha vez, considerei como um momento fundador do sujeito.”(HASSOUN, 2002, pg. 11). O que possibilita a melancolia a ser entendida como um elemento estrutural do sujeito é a impossibilidade de realizar o luto de um objeto. Este luto impossível marca a desintração pulsional que está no princípio da destruição melancólica.

O autor retoma a questão da morte em Freud como uma representação inacessível ao nosso inconsciente, o que a faz aparecer como pulsão cuja intrincação com as pulsões parciais supõem que o desejo e o que o causa, representam estruturalmente uma operação que se deduz da inscrição da pulsão de morte no ego. “Assim, a melancolia para Freud é uma doença do Ego, no lugar mesmo onde nele se inscreve a pulsão de morte” (HASSOUN, 2002, pg. 17).

O sofrimento do melancólico testemunharia um saber que representaria uma culpabilidade ligada a um assassinato sempre a ser consumado. Existe no melancólico uma tendência a desnomear e a substituir a dívida pela queixa infinita de uma culpabilidade maciça que ele não cessa de alimentar.

O melancólico, por sua vez, designa o outro como causa da sua passividade, agente do seu desamparo. À semelhança do crente que julga inelutável a manifestação de um flagelo de Deus, o melancólico se confessa culpado e chama com todas as forças o justiceiro anônimo que lhe revelaria o erro que estaria na origem das suas auto-acusações infinitas (HASSOUN, 2002, pg. 45).

Hassoun considera que esta posição melancólica se dá devido a uma não inscrição persistente do significante luto, o que o impossibilita de ser elaborado, afinal ele não existe. Não há um objeto perdido, este objeto é ausente. “O melancólico esbarra, portanto, numa ausência radical, numa supressão do tempo, numa necrose que ataca seu corpo, de onde a vida se retirou antes mesmo de estar inscrita” (HASSOUN, 2002, pg. 84).

“Viver no simulacro, defrontar-se com uma aparência de vida, eis a exaustiva tarefa que o reduz á sua incapacidade de desejar: o que lhe foi dado escapou-se-lhe num átimo, desde sua entrada na existência” (Hassoun, 2002, pg. 85).

Para Hassoun, o melancólico está no lugar de um outro que não cumpriu aquilo que Eros é capaz de instituir: a separação, e com isto é incapaz de desejar. É como se não houvesse a inscrição de um terceiro na relação fálica que institui com a mãe, logo, o pai não tem lugar. É um gozo centrado no objeto que parece não ser cessível. A mãe não pode lhe transmitir uma experiência de perda, o que impede a criança de constituir o objeto como objeto perdido. O objeto da falta não encontra o instrumento do desejo, mas sim esbarra no insignificante; e é isso que ele terá herdado.

É feita então uma analogia entre o amor e a paixão, colocando o melancólico no campo da paixão, afinal, “só há amor na perspectiva de uma palavra que demanda ser ouvida; e na paixão “só há uma espera infinita e sempre impossível de satisfazer” (HASSOUN, 2002, pg. 86). Isto faz com que o melancólico não espere mais nada, mas ao contrário disso, desespera de esperar e não pode exprimir a menor demanda.

Com efeito, se há no melancólico um dano narcísico, uma ausência de erotização primeira e uma falta de amor, não há como suportar o menor trabalho de luto. E se os ideais (Ideal do Ego e Ego Ideal) se fundam numa perda (a qual não se constituiu), estes serão “rejeitados ao limbo do inominável e do ininscritível” (HASSOUN, 2002, pg. 87).

O autor analisa o melancólico como um enlutado ao qual nenhum luto poderia atingir, devido a ausência radical do ideal, com isto, o que ele pode fazer é se acusar do pior e mais terrível crime a se cometer: ele mata o ausente, o que seria o suicídio do objeto; justo aquele que causa seu desejo.

Esta análise feita que coloca o objeto do melancólico como suicidado se dá na medida em que é “aquele pelo qual o escândalo de uma ausência se prende ao sujeito”. E este objeto não é um objeto qualquer e seu preço é maior do que qualquer outro. Este objeto é único e aterrador. E através de um remorso precedente e do escândalo desta ausência revelada que este objeto será ‘suicidado’. Diferentemente de um assassino que, culpado, mata para fazer reconhecer sua culpabilidade e, conseqüentemente experimentar o remorso num tempo segundo, o melancólico, devorado pelo remorso anterior, vai se esforçar para destruir e se destruir, pois ele é produto de uma destruição da qual ele seria o agente. (HASSOUN, 2002).

Ele é culpado dos piores delitos, o diz, e ninguém quer escutá-lo. Ele faz apelo à Lei em todo o seu rigor, para livrar-se enfim desse remorso que o invade e paralisa, para que sua culpabilidade ganhe enfim um sentido. Mas, horror!, esse assassinio nunca é reconhecido pelo Outro, e tudo sempre tem de recomeçar! (HASSOUN, 2002, pg. 89).

O melancólico é então aquele para quem o objeto, quando se apresenta, se torna tão perigoso a ponto de fazê-lo vacilar á procura de um assassinato não realizado de que ele carrega toda a culpa, vivendo na imobilidade de um ter ‘paradoxal’, que é o de um amor do qual o desejo teria se retirado. É concluído que: “Essa imobilidade, esse silêncio, dão conta de uma saturação representada pelo objeto que, raptado no outro, não pôde se constituir em seu *status* de objeto perdido e estorva o melancólico até a sufocação” (HASSOUN, 2002, pg. 91).

Contudo, leva-se em consideração uma possível intervenção no tratamento da melancolia a partir daquilo que se ‘re(a)presenta’ da inscrição da pulsão de morte no ego, através da constituição de um corte significativo que permita o trabalho de criação, sublimação e de horror, que a um só tempo, caracterizam em seu extremo o ato psicanalítico. É do lugar de sua passagem pela morte, do lugar desse passe, que o analista pode através da transferência fazer algum tipo de intervenção. (HASSOUN, 2002).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo procurou investigar a ligação existente entre o sentimento de culpa (que é nomeado de diferentes formas no decorrer da obra de Freud, assim como na obra de Hassoun) e a melancolia, que pode ser entendida como uma forma de adoecimento do ego. Assim, tendo como referência o estudo realizado, pretende-se destacar algumas considerações.

Cabe ressaltar que se entende como a principal característica da melancolia o luto impossível de ser realizado, afinal não existe uma perda real do objeto, mas sim simbólica, na qual há uma identificação com este objeto perdido. Outra marca importante seria a força avassaladora da pulsão de morte, na qual há uma predominância de uma força de ‘desagregação’.

Em relação a esse sentimento de culpa devastador, destaca-se o julgamento como já realizado e a sentença como já pronunciada de um crime que não aconteceu; esta culpa não corresponde a uma falta cometida. Outro aspecto da culpa seria o exibicionismo da mesma, de modo que o sujeito não se envergonha de tal sentimento, pois, tudo de depreciativo que dizem de si mesmo, na verdade, estão dizendo de outra pessoa; existe um conflito entre a instância crítica e o Eu modificado. Além desses fatores, a crueldade do superego, que impossibilita qualquer tipo de reparação do outro também deve ser considerada, devido as conseqüências geradas no ego.

Contudo, acredita-se que o objetivo da investigação foi alcançado, por ter sido possível obter uma melhor compreensão do tema abordado. Entretanto, baseado na obra dos dois autores referenciados, não fica clara uma possível intervenção psicanalítica direcionada ao paciente melancólico. Entende-se que para ambos existem dificuldades e limitações para tal tipo de tratamento. Devido a isto, considera-se importante a continuação de pesquisas acerca do tema para que se possam alcançar novas abordagens que auxiliem no processo de cura deste tipo de paciente.

REFERÊNCIAS

FREUD, Sigmund. Luto e Melancolia (1917 [1915]). In: “*A História do Movimento Psicanalítico, Artigos sobre a Metapsicologia e outros trabalhos*” (1914 – 1916). Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago., 1996. v.14.

FREUD, Sigmund. O ego e o Id (1923). In: “*O ego e o Id e outros trabalhos*” (1923 ~ 1925). Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago., 1996. v.19.

HASSOUN, Jacques. A crueldade melancólica. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira., 2002.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS. Pró-Reitoria de Graduação. Sistema de Bibliotecas. Padrão PUC Minas de normalização: normas da ABNT para apresentação de trabalhos científicos, teses, dissertações e monografias. Belo Horizonte, 2006. Disponível em <http://www.pucminas.br/biblioteca/>.